

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANA

Romer Angel Arrieta Moreira

**RUBEM ALVES E UMA EDUCAÇÃO PARA OUTROS TEMPOS: TEMPOS DE ALEGRIA - UMA
ANÁLISE RETÓRICA DO LIVRO “ALEGRIA DE ENSINAR”**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Pimenta de Araújo Campelo

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, ROMER ANGEL ARRIETA MOREIRA, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473188A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado RUBEM ALVES E UMA EDUCAÇÃO PARA OUTROS TEMPOS: TEMPOS DE ALEGRIA – UMA ANÁLISE RETÓRICA DO LIVRO A ALEGRIA DE ENSINAR, desenvolvido durante o período de 05/08/19 a 05/12/19 sob a orientação de Rita de Cássia Pimenta de Araújo Campelo, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 06 de dezembro de 2019.

Romer Angel Arrieta Moreira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou (x) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

RUBEM ALVES E UMA EDUCAÇÃO PARA OUTROS TEMPOS: TEMPOS DE ALEGRIA – UMA ANÁLISE RETÓRICA DO LIVRO *A ALEGRIA DE ENSINAR*

Romer Angel Arrieta Moreira

RESUMO

Neste artigo se encontra realizada uma análise retórica do livro *A alegria de ensinar*, de Rubem Alves (1994). Recorremos às funções hermenêutica e persuasiva, desenvolvidas pela tradição retórica. A questão que conduziu a investigação foi saber quais metáforas coordenam o discurso de Rubem Alves e para qual epistemologia elas nos conduzem. Tomamos o conceito de “*Alegria*”, proposto pelo autor, como a hipótese que guiou a nossa pesquisa e constatamos que este conceito, na obra analisada, ocupa igual relevância à dos conceitos de felicidade, brincar, desejo, prazer e imaginação, e é central na relação conteúdo, professor e aluno e para o desenvolvimento de uma educação que permita a constituição de seres autônomos, críticos e criativos.

PALAVRAS-CHAVE: Alegria. Análise Retórica. Rubem Alves.

1. INTRODUÇÃO

Pensando no contexto atual da sociedade, podemos identificar várias crises: problemas na educação, deturpação dos princípios morais, que primam pela dignidade humana, falta de empatia, entre outros problemas. Acreditamos na necessidade de ampliarmos o nosso olhar para além das epistemologias que predominaram no pensamento moderno e continuam a sustentar modos de pensar e agir pautados em uma racionalidade demonstrativa, necessária, matemática. Nesta perspectiva, este artigo tem a intencionalidade de refletir sobre o âmbito educacional, questionando aquele tipo de racionalidade, na medida em que se conduz a partir de outro tipo de racionalidade, a racionalidade argumentativa, que ao nosso ver é a que sustenta o pensamento educacional de Rubem Alves.

Para Alves (1994, p. 44), “a este processo mágico pelo qual a Palavra desperta os mundos adormecidos se dá o nome de educação”. Neste sentido, entendemos educação, motivados pela concepção de Rubem Alves, sobre o autoconhecimento, alegria, prazer, imaginação e sonho. Também defendemos que a escola é um reflexo direto de nossa sociedade, com suas contradições, conflitos, violência, autoritarismo, jogos de poder, ideologia de classes sociais entre outros aspectos, que tornam esta instituição carente de soluções reais, mas também afetivas.

Neste trabalho, recorremos a uma tradição epistemológica, nascida com os sofistas, a retórica, para analisar o discurso educacional de Rubem Alves. A retórica entra como meio termo entre a ciência demonstrativa e o sofismo arbitrário. Também ela é uma ferramenta que leva o sujeito a olhar para a realidade numa perspectiva mais ampla, pois, diferente de uma tradição que se deixa prender por uma ideia de verdade absoluta, representada, por exemplo, pela epistemologia racionalista, a retórica lida com uma noção de verdade como possibilidade.

Rubem Alves examinou de forma criteriosa o sistema educativo e traçou estratégias visando uma nova educação. Em seu extenso legado bibliográfico, optamos por usar como objeto de investigação principal o livro *A alegria de ensinar* (1994). A metáfora que está no título da crônica *Ostra feliz não faz pérola* (2004) simboliza as transformações e o destino vivido por Rubem Alves, que produziu uma literatura poética reflexiva.

Posto isto, o problema de pesquisa a ser enfrentado por nós é o seguinte: Quais metáforas coordenam o discurso educacional de Rubem Alves, particularmente no livro *A alegria de ensinar*, e para qual epistemologia elas nos conduzem?

Em seu livro *o enigma da religião*, Alves (1975) discorre sobre o conceito de imaginação, como sendo um potencial humano capaz de criar pontes para uma realidade mais ampla, agregando mais sentido à vida. Vários são os ideais epistemológicos propostos por Rubem Alves, entretanto, a respeito da hipótese que orientou nossa pesquisa, acreditamos que a alegria é a noção estruturante do pensamento de nosso estudo. Nesta perspectiva, o objetivo geral desta pesquisa foi elaborar uma análise retórica do discurso educacional de Rubem Alves (1994), tomando como objeto de investigação o livro *A alegria de ensinar*.

Neste estudo, cumprimos com os seguintes objetivos específicos: compreender as principais características que constituem a Retórica como ciência, técnica de análise e criação de discursos, com ênfase na metáfora, figura funcional central da retórica; apresentar o percurso de Rubem Alves como um educador essencial na educação brasileira; desenvolver uma análise retórica do livro *A alegria de ensinar*, para descobrir qual, ou quais metáforas, sustentam o discurso de Rubem Alves e sua epistemologia. Sendo assim, nesta investigação, elaboramos uma pesquisa de cunho teórico respaldada por uma revisão bibliográfica, especialmente a respeito de alguns dos textos de Rubem Alves, com especial deferência e atenção para o livro *A alegria de ensinar*.

2. Retórica: um percurso

Neste tópico da pesquisa, fizemos um trajeto estudando a arte da retórica nos seus diferentes aspectos: histórico, filosófico, estilístico e técnico. Por se tratar de uma protociência ligada aos discursos de diferentes disciplinas, o sistema retórico foi a ferramenta metodológica utilizada para cumprir o objetivo estabelecido na nossa investigação: analisar as metáforas que coordenam o discurso de Rubem Alves.

Os primeiros registros sobre o uso da retórica podem ser encontrados no período pré-socrático, entre os sofistas e no campo jurídico, já que nesta época não existiam advogados para defender o réu. Esta prática argumentativa foi rechaçada por Platão, devido à forma como alguns sofistas a usavam (de forma comercial, sem ética, apenas com interesses pessoais) e, também, pelo seu uso não estar comprometido com a verdade no seu sentido absoluto, metafísico (REBOUL, 2004).

Apesar da postura de Platão com relação à retórica, o seu melhor aluno, Aristóteles, que na maioria inaugurou a sua escola, o Liceu, assimilou este conhecimento e o sistematizou em seu *tratado de Retórica*. O sistema retórico, sistematizado pelo Estagirita, perdurou durante o Império Romano e sofreu algumas descaracterizações, devido ao fato de os romanos não participarem da política como os Gregos, portanto, a retórica era mais utilizada de forma estilística, isto é, oratória e não de forma argumentativa.

O declínio do sistema retórico se deu no século XIX. Diferente do que se pode pensar, a igreja católica não foi a causadora, e sim a grande influência do racionalismo de Descartes, dos empiristas ingleses, como Locke, do positivismo e do romantismo, por razões distintas em cada caso.

No livro *Introdução à retórica*, Olivier Reboul (2004) discorre sobre a volta do sistema retórico, na década de sessenta, que originou duas correntes: a literária e a argumentativa. A segunda corrente, proveniente da tradição Aristotélica, está representada pelos pensadores Perelman e Tyteca (1958), autores do *Tratado da Argumentação: a nova retórica*.

É importante sabermos a forma como a retórica foi concebida na Grécia Antiga, para esclarecer as visões reducionista e falaciosa sobre o sistema retórico. Desta forma, expusemos, resumidamente, a maneira de pensar de três grandes filósofos e como eles compreendiam a retórica no período grego.

Isócrates representava o pensamento sofista e acreditava que não existia uma verdade absoluta e sim uma realidade relativa. Considerava a retórica sendo o conhecimento mais importante, pelo seu valor de uso. Do lado oposto, encontrava-se Platão que postulava uma verdade e uma ciência absoluta. Afirmava que a retórica era uma arte enganosa, por não se comprometer com a busca de uma verdade absoluta (REBOUL, 2004).

Aristóteles, por sua vez, com uma postura mais prudente, trouxe a retórica para o seu devido lugar, pois, ao mesmo tempo que considerou a teoria de Platão, admitindo a existência de uma verdade absoluta, representada por uma ciência exata, sustentada pela ideia de uma realidade superior, também considerou a retórica naquilo que ela era útil, como técnica, para colaborar com a busca dos melhores argumentos, isto é, os mais persuasivos, quando o que está em questão não é a busca de uma verdade absoluta, como já dissemos, mas quando o que está em causa são os nossos assuntos cotidianos, orientados por nossas paixões. Também reconheceu a importância da retórica pertencente ao plano inferior, ou seja, relativo e transitório, no qual não existem verdades, mas, sim, o possível ou o verossímil.

Deste modo, Aristóteles, de forma mais coesa que os sofistas, funda o sistema retórico, no qual incluiu outras características inexistentes na retórica dos Sofistas, transformando a retórica numa ferramenta importante para encontrar os melhores argumentos para cada caso, sem promessas de resultados fixos.

Segundo Aristóteles, a retórica cumpre a função de permitir que o verossímil e o justo tenham condições de serem defendidos através de dois tipos de argumentos: os prós e os contras, que constituem o discurso.

Para compreendermos melhor as características da retórica e a sua relação com a dialética, fizemos um breve paralelo desses dois grandes métodos de argumentar (REBOUL, 2004). Analogamente como o esporte,

está para exercitar o corpo na Grécia Antiga, a dialética servia para exercitar a mente (REBOUL, 2004). Sócrates e Platão transformaram a dialética no método para a Filosofia, sendo que Aristóteles recorrerá a essa técnica não para encontrar o verdadeiro, mas o provável ou verossímil, através da arte do diálogo ordenado.

A diferença nos tipos de argumentos entre a dialética e a retórica é: a primeira apresenta argumentos do tipo silogismo demonstrativo (verificáveis, apodícticos), enquanto a retórica recorre ao raciocínio silogístico entimemático, isto é: argumentos da ordem do possível e do provável. Tanto a dialética quanto a retórica substituem a pergunta: “o que é?” pela questão: “o que lhe parece ser?”.

Na dialética, o importante é o respeito às regras do jogo, usando da melhor maneira possível os argumentos. No sistema retórico os argumentos cumprem com a função de solucionar problemas, utilizando-se de instrumentos afetivos. O benefício pedagógico da dialética também observada por Aristóteles seria o treinamento intelectual, possibilitando o indivíduo argumentar sobre qualquer assunto.

Outras características em comum entre retórica e dialética são que ao utilizá-las é possível argumentar tanto a favor ou contra uma tese, são ensinadas de forma casual ou através de método, recorrem a dois tipos de argumentos: os indutivos e os dedutivos.

Embora a importância do sistema retórico, aferido por Aristóteles, ela, a retórica, encontra-se no mundo sublunar, lugar da existência humana, que abriga as imperfeições com sua transitoriedade. Já a Filosofia e as ciências exatas, segundo o filósofo, estariam em um mundo superior (supramundo), nomeado por Platão de Mundo das Ideias (REBOUL, 2004).

O sistema retórico se compõe de quatro fases: a invenção (a busca dos argumentos), a disposição (a ordenação do discurso), a elocução (a redação do discurso, na qual podem entrar as figuras retóricas) e a proferição (a oralidade do discurso).

As figuras retóricas são de grande importância na constituição dos discursos, pois constituem o próprio argumento. Apesar de serem vistas de forma racional, no Tratado de Argumentação de Perelman e Tyteca (1958), Reboul as interpreta muito mais pelo *pathos* (ou emoção), do que pelo *logos* (razão), devido ao estímulo sensível que proporcionam. As figuras de linguagem são recursos de estilo, sendo retóricas quando utilizadas para persuadir, e estão subdivididas em quatro tipos: Figuras de palavras, de sentido, de construção e de pensamento.

O nosso recorte, para esta pesquisa, estudamos a metáfora: figura de sentido que diz respeito à significação da palavra ou grupos de palavras. Segundo Reboul, a metáfora condensa uma analogia ou comparação entre termos heterogêneos substituindo o “como” por “é”. Por exemplo, “Ela é [brava como] leoa ou ela é uma leoa”. Através dessa análise, é possível identificar a metáfora que permeia o discurso de um determinado texto.

Utilizando a arte retórica, com as ferramentas analíticas que ela comporta, investigamos o livro *A alegria de ensinar*, de Rubem Alves (1991), que fala, principalmente, do contexto educativo brasileiro. A referida análise nos permitiu identificar as metáforas que coordenam o seu discurso.

3. O Educador e pensador Rubem Alves

O escritor e educador Rubem Alves nasceu na cidade de Dores da Boa Esperança (M.G). Estudou teologia em Campinas e se inspirou no pastor fundamentalista Biligran. Em 1963 se mudou para os Estados Unidos e concluiu o mestrado no “The Union Theological Seminary”. Em 1964/65 morou no Brasil e foi perseguido pela ditadura e, por esta razão, resolveu retornar aos Estados Unidos onde concluiu o seu doutorado. Voltou para o Brasil em 1968 (sem vínculo com sua religião), e iniciou a carreira acadêmica na Faculdade de Filosofia de Rio Claro (ALVES, 2019).

Aos 42 anos, nasceu a sua filha caçula que ocasionou uma grande transformação na vida de Rubem Alves, marcando o rompimento com o texto acadêmico e dando início a sua produção infantil. Com o livro “Ostra Feliz não Faz Pérola”, ficou em segundo lugar no prêmio Jabuti de 2009 (categoria contos e Crônicas). No livro *Do universo à jabuticaba* (2010) registra, de forma poética, a sua jornada de vida. A este respeito, segue um fragmento deste registro:

Minha vida se divide em três fases. Na primeira, meu mundo era do tamanho do universo. E era habitado por deuses, verdadeiros e absolutos. Na segunda fase meu mundo encolheu, ficou mais modesto e passou a ser habitado por heróis revolucionários que portavam armas e cantavam canções de transformar o mundo. Na terceira fase, mortos os deuses, mortos os heróis, mortas as verdades e os absolutos, meu mundo se encolheu ainda mais e chegou

não à sua verdade final mas a sua beleza final: ficou belo e efêmero como uma jabuticabeira florida. (ALVES, 2010, p. 8).

A obra de Rubem Alves é muito extensa, escrita para um público variado e abarcou diferentes áreas do conhecimento, com um estilo muito peculiar. Na sua tese de mestrado (1963/64), o autor faz uma leitura teológica do processo que estava em andamento no Brasil, no final dos anos 50 no qual desencadeou a ditadura.

As duas primeiras obras de Alves, *Por uma teologia da libertação* (1969) e *A gestação do Futuro* (1972) foram de caráter teológico. A primeira obra foi à tese do seu doutorado, publicada nos Estados Unidos, e best-seller durante três anos. Essa obra teve grande importância, porque deu as bases teóricas para o nascimento da teologia da libertação.

Livros como *O suspiro dos oprimidos* (1984), *O enigma da religião* (1975), *O que é religião?* (1981) são de ordem acadêmica. A escrita teopoética estão nos livros *Variações sobre a vida e a morte* (1985), *o poeta, o guerreiro, o profeta* (1992). Segundo o escritor Leonardo Boff, o *enigma da religião* é o melhor livro para entendermos a religião no contexto da modernidade (ALMEIDA, 2018).

Na obra *religião e repressão*, cujo título oficial é *Protestantismo e religião*, de 1982, Rubem Alves escreveu sobre o lado sombrio da religião. Para o autor, a religião é a linguagem da imaginação e potência criativa que tem na alienação o seu contraponto.

No livro *variações do céu e a morte*, Rubem Alves iniciou sua exposição dizendo que se considerava um teólogo, porque carregava todos os símbolos das grandes personalidades que pensaram a religião: Martinho Lutero, Santo Agostinho, Adélia Prado. Diante dessa realidade, o autor confeccionou uma rede juntando todos esses simbolismos, para poder descansar (existencialmente) e dar sentido a sua vida.

Foi a partir dos anos oitenta que Alves inaugurou uma nova forma de escrita, através da imaginação, da poesia, da brincadeira e do simbolismo, que não se fundamenta em uma teologia sistematizada e sim numa teopoesia.

Para entendermos o pensamento de Alves, é fundamental compreendermos a teoria que ele desenvolveu sobre a imaginação. No livro *o enigma da religião* (1975) o autor nega o ideal epistemológico de objetividade, que fora transplantado para o campo da psicanálise, no qual Sigmund Freud concebe a imaginação como sinônimo de erro ou fuga da realidade.

Rubem Alves argumenta que a imaginação é função do corpo e é a base fundamental de como a consciência opera, ampliando a percepção para além da realidade de conservação ou sobrevivência. É uma potência criativa. Considerar essa função, significa compreender que os outros seres, diferentes dos seres humanos, estão adaptados ao seu meio devido a sua programação biológica, a qual já fornece o necessário para a sobrevivência, enquanto o homem precisa da imaginação e da linguagem, para preencher algo que está ausente, é uma declaração de amor por coisas que ainda não nasceram (ALMEIDA, 2018).

Alves dedicou atenção especial para escrever sobre educação, em seu extenso legado literário. Neste artigo, analisamos, orientados pelas ferramentas fornecidas pela retórica, a obra *A alegria de ensinar*. Este livro é constituído por catorze capítulos e a primeira edição é de 1991.

Neste livro, o autor escreveu sobre a educação de forma crítica e, ao mesmo tempo, lúdica. No primeiro capítulo, por exemplo, convocou os professores a serem “pastores da alegria”, segundo Alves, a missão do professor é ensinar a alegria e interpretar sonhos dos alunos, para que encontrem a vocação que está no interior de cada indivíduo.

4. As metáforas que coordenam a perspectiva educacional de Rubem Alves, extraídas do livro *A alegria de ensinar*

Neste tópico, analisamos as metáforas e analogias do livro *Alegria de ensinar* de Rubem Alves. Para esta análise, escolhemos os capítulos um, dois e treze, pelo fato de terem maior relação com o universo da educação. Lembramos que o objetivo mais específico do nosso trabalho é o exame das metáforas que dizem respeito ao conceito de Alegria, no contexto educativo. Para esta análise, recorreremos a uma das funções da retórica que é a hermenêutica, entendida como “a arte de interpretar textos” (REBOUL, 2004, p. xix), que visa entender o discurso do interlocutor, inclusive o não dito.

Como já afirmamos acima, o livro *A alegria de ensinar* é composto por quatorze capítulos: Capítulo 1- Ensinar a alegria; Capítulo 2- Escola e sofrimento; 3- A lei de Charlie Brown; 4- Boca de forno; 5- O sapo; 6- Sobre vacas e moedores; 7- Eu, Leonardo; 8- Lagartas e borboletas; 9- Bolinhas de gude; 10- Um corpo com

asas; 11- Tudo o que é pesado flutua no ar; 12- As receitas; 13- Ensinar o que não se sabe; 14- O carrinho. Para facilitar a visualização das metáforas e analogias, elas estão destacadas em itálico.

No primeiro capítulo, intitulado Ensinar a alegria, o autor enobrece a função do professor, recorrendo a várias imagens e analogias de efeito. Iniciamos a nossa análise apresentando o parágrafo na qual Rubem Alves medita sobre a felicidade e contempla o nosso objetivo mais específico, que é explicar o conceito de Alegria no âmbito educacional, manifestando-se da seguinte maneira: *“A felicidade começa na solidão: uma taça que se deixa encher com a alegria que transborda do sol. Mas vem o tempo quando a taça se enche. Ela não mais pode conter aquilo que recebe. Deseja transbordar”* (ALVES, 1994, p.9).

Neste parágrafo, observamos a seguinte analogia: A felicidade equivale a uma taça que transborda, alegria é o conteúdo da taça, o sol é o gerador da alegria. Com um pouco de imaginação, poderíamos comparar o sol sendo a mãe e a alegria o filho.

Rubem Alves explica essas imagens no contexto educativo: *“A taça é o conhecimento que vai ser ensinado, o conteúdo é a alegria, e a felicidade é o ato de compartilhar a taça cheia com o aluno”*(ALVES, 1994, p. 9). Rubem Alves é contundente em dizer que o conhecimento assimilado pelo professor deveria ser motivo de prazer para ele, desta forma, a transmissão se daria de forma natural, gerando felicidade.

A metáfora da taça nos remete à explicação dada por Lakoff e Johnson (2002, p.54) a respeito das metáforas de canal e o funcionamento da nossa linguagem.

Michael Reddy chamou de metáfora do canal (conduit metaphor). Reddy observa que a nossa linguagem sobre a linguagem é, grosso modo, estruturada pela seguinte metáfora complexa: Idéias (ou significados) são objetos Expressões linguísticas são recipientes Comunicação é enviar O falante coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as ideias-objetos das palavras recipientes.

Duas analogias feitas por Rubem Alves equiparam o professor à figura da mãe, no ato do parto e à figura do pastor: *“(...)a alegria de ser professor, pois o sofrimento de se ser um professor é semelhante ao sofrimento das dores de parto: a mãe o aceita e logo dele se esquece, pela alegria de dar à luz um filho”* (ALVES, 1999, p. 6). E mais, *“O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: Sou um pastor da alegria...”* (ALVES, 1994, p. 10).

Muitas são as definições de metáfora, de forma simples, Reboul (2004, p. 122) a conceitua da seguinte maneira: *“as metáforas constituem uma relação de semelhança entre termos heterogêneos”*.

No segundo capítulo nomeado Escola e sofrimento, Alves mostra o lado negativo da educação, e, de forma antagônica ao primeiro capítulo, no qual comparou a missão do professor ao parto de uma mãe, ou a de um jardineiro, que cuida de suas plantas.

Continuando o raciocínio do primeiro capítulo, Rubem Alves ironiza ao dizer que poderia ser julgado pelas crianças, se elas conhecessem um pouco de política, pelo fato dele estar propagando ideologia a favor da classe dominante, já que, para o autor, os alunos representam a classe oprimida.

É neste tom que Rubem Alves conversa a respeito do sistema educativo, apontando vários problemas que ele mesmo presenciou, quando era estudante e acrescenta a opinião de alguns importantes autores da literatura, que criticaram, de forma contundente, o sistema educativo, por exemplo, quando diz que *“Jorge Luís Borges passou por experiência semelhante. Declarou que estudou a vida inteira, menos nos anos em que esteve na escola. Era, de fato, difícil amar as disciplinas representadas por rostos e vozes que não queriam ser amados”* (ALVES, 1994, p. 13). E mais, *“Quanto aos outros, a minha impressão era a de que nos consideravam como inimigos a serem confundidos e torturados por um saber, cuja finalidade e utilidade nunca se deram ao trabalho de nos explicar”* (ALVES, 1999, p.12).

Rubem Alves (1999, p. 14) constrói sua analogia através de termos pertencentes ao domínio da guerra. Comparando o professor a um torturador e o aluno a um inimigo.

Os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parecem ter com sua vida?

Rubem Alves (1999, p. 15) finaliza este capítulo com as seguintes metáforas de paradoxo: “quanto maior o conhecimento, menor a sabedoria” e, “Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?”

Usando metáforas de paradoxo ou negativas, o autor aponta para uma incoerência cultural, ao indicar que o conhecimento é algo ruim, já que ele nos afasta da sabedoria. De forma geral, sabemos que a cultura ocidental preconiza que o conhecimento é algo bom para o desenvolvimento dos indivíduos e da nação. A metáfora “conhecimento é poder”, de alguma forma, retrata essa ideia. Rubem Alves discorre, explicando esta incoerência no capítulo treze.

Para refletirmos melhor a respeito do modo como nossos pensamentos, ideias e decisões, tomadas na vida cotidiana, recebem influência das metáforas, que são expressas diariamente na cultura, recorreremos ao pensamento de Lakoff e Johnson (2002, p.45) quando estes teóricos afirmam o seguinte:

Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivemos certos, ao sugerir que este sistema conceptual é, em grande parte metafórico, então, o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora.

No capítulo treze, intitulado Ensinar o que não se sabe, Rubem Alves argumenta a respeito das metáforas de negação, postas no final do item dois, que complementam a ideia deste capítulo. Constatamos que Rubem Alves recorre às metáforas e analogias para resignificar algumas ideias que fazem parte do universo educativo. Para examinar este capítulo, escolhemos cinco passagens a serem analisadas:

Aqui se encontra o retrato deste mundo. Se você prestar bem atenção, verá que há mapas dos céus, mapas das terras, mapas do corpo, mapas da alma. Andei por estes cenários. Naveguei, pensei, aprendi. Aquilo que aprendi e que sei, está aqui. E estes mapas eu lhe dou, como minha herança. Com eles você poderá andar por estes cenários sem medo e sem sustos, pisando sempre a terra firme. Dou-lhe o meu saber” (ALVES, 1999, p. 72).

Neste parágrafo, o conhecimento está representado por estas imagens: retratos, mapas, herança. O professor, de forma generosa, assume a sua função, que é a de ensinar ao aluno tudo àquilo que aprendeu.

Mas o Mestre não se contém e procura, nas costas do seu discípulo, prenúncios de asas – asas que ele imaginara haver visto como sonho, dentro dos seus olhos. O Mestre sabe que todos os homens são seres alados por nascimento, e que só se esquecem da vocação pelas alturas quando enfeitiçados pelo conhecimento das coisas já sabidas” (ALVES, 1999, p.72).

Observamos as seguintes metáforas: homem equivale a um ser alado, conhecimento já conhecido é análogo a um feitiço e sonho se aproxima de vocação pelas alturas. Após o professor ensinar tudo o que sabia, Rubem Alves continua o seu raciocínio argumentando sobre a importância do olhar do professor no reconhecimento do potencial que os alunos possuem, de forma que esses potenciais possam ser desenvolvidos e expandidos, para além da informação já conhecida pelo aluno.

Se pensar lhe dá tristeza é porque você só sabe marchar, como soldados em ordem unida. Saltar sobre o vazio, pular de pico em pico. Não ter medo da queda. Foi assim que se construiu a ciência: não pela prudência dos que marcham, mas pela ousadia dos que sonham. Todo conhecimento começa com o sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada” (ALVES, 1999, p. 76).

O autor recorre ao contexto militar para aproximar o significado de pensamento triste e a prudência correspondente à marcha. Do domínio da natureza, o autor recorre à ideia de aventura pelo mar equivalente ao conhecimento. Rubem Alves procura persuadir os estudantes da importância de sonhar, dizendo que o conhecimento não é apenas aquilo que se ensina nas escolas. A crítica do autor, em relação à escola, corresponde ao fato da escola formatar o aluno, de tal maneira que ele não consiga vislumbrar ou criar algo diferente do que lhe foi ensinado.

O parágrafo seguinte é iniciado fazendo uma analogia negativa de sonhar com ensinar. O autor recorre ao domínio da natureza para aproximar o sentido de sonho com a ideia de água. A última metáfora aproxima o sentido de terra com corpo: “*Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra. Como Mestre só posso então lhe dizer uma coisa: ‘Conte-me os seus sonhos, para que sonhemos juntos!’*” (ALVES, 1999, p. 77).

Para Rubem Alves, a principal missão do professor é encorajar o aluno a buscar e manifestar tudo aquilo que dá sentido à sua vida, isto é, os seus sonhos. Interpretamos que as metáforas de paradoxo e negação, recorrentes nos dois últimos capítulos da nossa análise, e entre conhecimento e sabedoria, podem ser entendidas de forma complementar e ocorrem quando o conhecimento inspira o aluno a continuar o seu aprendizado de forma criativa e inovadora, fazendo-o atingir a sabedoria. E, de forma divergente, outras metáforas as quais Alves recorre revelam a comodidade, o conforto e a segurança daquilo que é conhecido e condicionam o indivíduo a não alcançar à sabedoria. Os versos abaixo, de Alberto Caeiro, citado por Rubem Alves (1994, p.29), alude ao estado de sabedoria que se aproxima daquele defendido pelo educador mineiro: “Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, desencaixotar minhas emoções verdadeiras, desembulhar-me, e ser eu...”

Para concluir o estudo deste tópico, achamos pertinente comparar o pensamento de Rubem Alves, quando o que está em questão é a relação aluno-professor, com o seguinte ditado chinês: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece. Quando o discípulo está realmente pronto, o mestre desaparece” (FRAZÃO, 2018, p.21).

Trazendo esta metáfora para o contexto educativo, de forma categorial, um tanto quanto a serviço da exemplificação, o discípulo está como equivalente ao aluno e o mestre ao professor. Esta representação do pensamento chinês é parte dos ensinamentos de duas grandes religiões da china: o Taoísmo e o Zen budismo, de forma que encontramos semelhanças e diferenças em relação à pedagogia de Rubem Alves apresentada no nosso estudo. A diferença observada é que na metáfora do pensamento chinês, a iniciativa e a deliberação em procurar o conhecimento, parte do aluno na direção do professor, e não do professor em relação ao aluno, como foi apresentado por Rubem Alves.

A semelhança da pedagogia de Rubem Alves com o pensamento chinês se encontra no final da metáfora: “quando o discípulo está realmente pronto o mestre desaparece”. Nesta etapa, o discípulo se torna senhor de si, concretizando a missão do mestre.

Para finalizar a reflexão sobre a relação professor-aluno, trazemos uma terceira via que, diferente da visão do Rubem Alves, sobre a missão do professor de ensinar o aluno e do pensamento chinês, que diz da postura do aluno em receber o conhecimento. Acreditamos que a relação professor-aluno deveria se processar de tal maneira, que os conteúdos dos recipientes se encham e se esvaziem mutuamente, de forma que não exista nem professor e nem aluno, à maneira como esses sujeitos foram constituídos pelo mundo ocidental, particularmente por uma epistemologia racionalista, cuja pretensão educacional foi fixar os indivíduos em papéis que devem ser cumpridos de modo rígido, imutável.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, abordamos o conhecimento sobre a retórica, fizemos um breve percurso sobre a sua história, sobre a classificação feita por Aristóteles, desde a busca pelos argumentos até a proferição ou oralidade. Também falamos das figuras de linguagem, componente importante no discurso retórico, dando ênfase às metáforas.

No estudo do livro *Introdução à retórica* (REBOUL, 2004), constatamos que a função pedagógica da retórica é parte integrante das atividades do professor, mesmo que ele não tenha consciência quando suas ações incidem sobre o planejamento das aulas, a interpretação de textos, as formas com que ele vai expressar o conhecimento, a forma de avaliar, só para dar alguns exemplos.

Paralelamente ao estudo da retórica, fizemos uma apresentação biográfica e bibliográfica do escritor brasileiro Rubem Alves, refletindo sobre alguns conceitos que norteiam as suas obras, em especial no livro *A alegria de ensinar*.

Em suma, concluímos que tanto a retórica, quanto o conceito da pedagogia de Alves são importantes potencializa dores para impulsionar uma educação de vanguarda, progressista, libertadora, transformadora e, principalmente reflexiva, que colabore significativamente para uma transformação da sociedade.

Na última parte do artigo, interpretamos as metáforas e as analogias contidas no livro *A alegria de ensinar*, recorrendo à função hermenêutica do sistema retórico. O problema a ser respondido, diz respeito às metáforas que coordenam o discurso de Rubem Alves, nosso objeto de estudo.

A investigação feita na pesquisa visou analisar algumas das metáforas que coordenam o discurso educacional de Rubem Alves, no livro *A alegria de ensinar* e para qual epistemologia elas nos conduzem. Tomamos o conceito de “*Alegria*”, proposto pelo autor, como a hipótese que guiou a nossa pesquisa e constatamos que o conceito de “*Alegria*”, na obra que nos propusemos a investigar, ocupa igual relevância aos conceitos de felicidade, brincar, desejo, prazer e imaginação.

No livro *A alegria de ensinar*, Rubem Alves nos apresenta alguns conceitos e ferramentas metodológicas que nos levam a uma desconstrução significativa de um contexto estagnado, no qual o âmbito educacional se encontra atualmente. Ao mesmo tempo, o pensamento educacional de Alves nos dá esperança para um futuro de mudanças, que ajude a transformar a realidade.

Acredito que a metáfora central, que melhor ilustra o nosso objeto de estudo, é a seguinte: “*A felicidade começa na solidão: uma taça que se deixa encher com a alegria que transborda do sol. Mas vem o tempo quando a taça se enche. Ela não mais pode conter aquilo que recebe. Deseja transbordar*” (ALVES, 1999, p.9).

Sobre esta metáfora, Rubem Alves esclarece que é necessário que haja alegria em relação ao conteúdo que vai ser ensinado. O ato de ensinar um determinado conteúdo, conhecimento ampliará esta alegria, gerando um estado de felicidade interior. Desta forma, ambos, aluno e professor se beneficiarão.

Para reforçar o argumento do autor, sobre a metáfora anterior, apresento outra imagem, na qual Rubem Alves (1999, p.62) compara as disciplinas com as bolinhas de gude: “Tudo o mais que se apreende, geografia, história, física, química, biologia, matemática, são bolinhas de gude: brinquedos, objetos de prazer”.

Através da revisão bibliográfica, efetuada no decorrer do trabalho, foram identificados indícios que corroboraram com a hipótese inicial da pesquisa, entretanto, acredito que ainda é muito pouco praticada a pedagogia apresentada por Rubem Alves. No livro *A alegria de ensinar* o autor aposta as suas fichas na boa formação racional, emocional e espiritual do educador, para que haja uma mudança real na educação.

O processo de elaboração deste artigo e o mergulho que realizei no pensamento de Rubem Alves, levam-me a recordar uma história do Zen budismo que defende que antes de entendermos o Zen, as montanhas são montanhas e os rios são rios. Ao nos esforçarmos para entender o Zen, as montanhas deixam de ser montanhas e os rios deixam de ser rios, quando finalmente entendemos o Zen, as montanhas voltam a ser montanhas e os rios voltam a ser rios.

Há mais ou menos dois anos anotei este conto Zen, na aula de um professor do departamento de Ciência da Religião. Fiquei curioso sobre o significado, mas o conto Zen acabou ficando engavetado na memória. Hoje, posso dizer que este conto adquiriu sentido e asas. Amadureci nos processos vividos acrescidos de mais esta jornada que foi a elaboração deste texto. Voltando ao conto Zen, eu o traduzo da seguinte forma: o “bom conhecimento”, simbolizado pelo “zen”, quando amadurecido internamente, provoca um olhar mais profundo sobre as coisas e muda a forma de ver, sentir e perceber o mundo. Esta última reflexão e possível licença, tomada neste momento de conclusão, para mencionar o referido conto, em muito se aproxima daquela postura educacional que, certamente, Rubem Alves acredita e defende que é a seguinte: que o estudante não sinta medo de ser o que ele desejar ser, dizer e pensar, desde que conduzido pela alegria do aprendizado e da dignidade humana.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Edson. **O Enigma da religião**. 11 aug. 2018, 07 dec. 2018. Notas de Aula.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 3ª edição, 1994.

ALVES, Rubem Azevedo. **O enigma da religião**. 4. Ed. Campinas: Papyrus. 1988.

ALVES, Rubem. **Do universo a jabuticaba**. São Paulo: Planeta, 2010. Disponível em: <<http://elivros.love/book/baixar-livro-do-universo-a-jabuticaba-rubem-alves-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

ALVES, Rubem. **INSTITUTO RUBEM ALVES**. Disponível em: <<https://institutorubemalves.org.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

FRAZÃO, Flávia. **Imperecível**. Juiz de Fora: Haikia, 2018. 135 p. Disponível em: <<https://haikaeditora.com.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Sem autor. **As montanhas e os rios**. 2015. Disponível em: <<https://www.daissen.org.br/as-montanhas-e-os-rios/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

LAKOFF, George, & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

REBOUL. Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.